

O grafite: expressão artística e intervenção urbana

The Graffiti: artistic expression and urban intervention

Assis, Rafael; graduando; Universidade de Sorocaba
esperando.o.messias@gmail.com

Resumo

O texto procura entender o grafite como operação comunicacional e expressão poética a partir dos conceitos teóricos de Lotman sobre a estrutura do texto artístico. Dessa forma, procurou-se pontuar primeiramente alguns elementos estruturais recorrentes do grafite para compreender a relação entre forma e conteúdo na produção de significado junto aos transeuntes e outros grafiteiros. Para contextualizar a reflexão teórica apresentam-se alguns trabalhos dos artistas Smael e Pato e suas específicas composições visuais que também remetem às discussões recorrentes sobre o anonimato e a efemeridade destas intervenções artísticas no espaço urbano.

Palavras Chave: grafite; processo comunicacional; expressão artística.

Abstract

The text is concerned with the understanding of the graffiti's production as a communication operation and a poetic expression based on Lotman's theoretical concepts about the structure of the artistic text. Then, firstly, some graffiti's structural elements will be presented to comprehend the tension between form and content for the production of meaning by the passers-by and other graffiti artists. After, the artists Smael and Pato and their graffiti works will be presented to contextualize the theoretical reflection and the recurrent discussions about the anonymity and ephemerality of those artistic interventions at the urban space.

Keywords: *graffiti; communicational process; artistic expression.*

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Introdução

O grafite (do grego *graphein*, escrever), para alguns, nasceu das antigas formas de inscrições públicas, como as pinturas rupestres, as paredes de Pompéia e as catacumbas de Roma, por exemplo, mas ganha uma dimensão polêmica hoje no contexto dos grandes centros urbanos. Para alguns o grafite está associado ao vandalismo, visto que usa como suporte os espaços públicos (muitas vezes o privado) e não a tela convencional. Por outro lado, há quem considere o grafite um movimento artístico, pois aborda e critica várias questões da sociedade, como a liberdade de expressão, problemas sociais e a relação entre público e privado.

No início, na Nova Iorque nos anos 70, o suporte usado era o metrô, mas logo o grafite se alastrou por toda a cidade. Atualmente o grafite está em muros, postes, viadutos, placas, preenchendo, quase que totalmente, todos os cantos, como os famosos becos da Vila Madalena (São Paulo, SP). Alguns espaços públicos abandonados pelo Estado viram galerias de obras do grafite, adquirindo valores que antes não tinham, e transformando o olhar sobre o espaço, como afirma PALLAMIN (2002, p.99) "Um dos pontos de maior interesse é sua possibilidade de contribuir com a desregulamentação de certos valores, aí, cristalizados, gerando novas formas de esclarecimento e abrindo novas extensões do espaço vivido".

Grafite: arte e comunicação no espaço urbano

Como o grafite utiliza o meio urbano para se expressar, distintamente de outras expressões artísticas, muitas vezes é confundido com a pichação, pois ambos interferem na leitura do espaço urbano, são efêmeros e gratuitos. Porém, diferente da pichação com seu caráter textual, o grafite, incluindo outras expressões, como o *stencil*, o *throw-up*, o lambe-lambe e o *sticker*, tem origem nas artes plásticas e referencia principalmente a *pop art* com o uso expressivo de ícones da sociedade de consumo.

Assumindo o grafite como forma de expressão artística e comunicacional, na relação tradicional emissor-receptor, baseado em LOTMAN (1978, p.33) quando diz que "a arte é um dos meios de comunicação. Ela realiza incontestavelmente uma ligação ente o emissor e um receptor." O grafite possui vários elementos, como a *tag*, a composição e organização espacial das formas, a tipografia, e a própria assinatura, que o distinguem de outras manifestações urbanas, como por exemplo, a pichação. Assim, a informação (conteúdo) do grafite, seja ela de caráter crítico, social ou político, estética, não pode existir, nem ser transmitida, fora de uma determinada estrutura. Para compreender essa relação entre forma e conteúdo, recorre-se novamente a LOTMAN (1978, p.14), quando compara a relação entre a estrutura e a idéia artística com a relação entre a vida e o complexo mecanismo orgânico. A vida é propriedade fundamental desta estrutura física, isto é, vida-idéia é a "função deste sistema operante" sem a qual este não existiria, portanto, querer chegar à idéia do artista desassociando-a de seu sistema modelizador de compreensão do mundo, isto é, da estrutura da obra, é querer "separar a vida da estrutura biológica concreta, da qual ela é função". A idéia, assim, estaria apresentada em toda a estrutura artística.

Como o suporte do grafite é o espaço público, aquele possui um caráter efêmero, visto que o espaço onde se encontra é muito vulnerável. Além do tempo de exposição, que danifica a obra, há a questão da sobreposição de outro grafite, dependendo do lugar, já que todos os grafiteiros prezam um lugar com maior visibilidade. Estes possuem certa ética quanto ao tempo de exposição das obras produzidas, evitando assim sobrepor trabalhos.

O grafite é uma forma do indivíduo da cidade escapar do anonimato urbano, expressando-se de forma não convencional. A autoria do grafite pode ser reconhecida não só pelo traço do autor, mas também pela *tag* e/ou assinatura. Feita com uma única linha, a *tag* é

uma marca do grafiteiro, na maioria das vezes ilegível aos transeuntes leitores. Sobre a interpretação destes trabalhos cita-se LOTMAN (1978, p.59) quando afirma que para os diferentes leitores existem diferentes informações na medida do repertório de cada um. Esta leitura, segundo o autor, pode acontecer de duas formas, quando o receptor e o emissor possuem o mesmo código em comum e quando o receptor utiliza um código diferente do usado pelo autor. Nesta situação acontece uma recodificação da obra, muitas vezes destruindo sua estrutura original. No embate entre o emissor e o receptor, para LOTMAN (ibid, p.60) "o emissor/escritor sai vencedor, impondo sua linguagem ao leitor, que a assimila passando, assim, a fazer parte de seu repertório que, por sua vez, também é modelizante, surgindo, desta forma, uma mestiçagem".

Outra questão relevante é a necessidade de o indivíduo sair do anonimato urbano e expressar-se em público de forma eficaz. Como afirma BÜTTNER (2002, p.86), esta condição é típica do ser humano, "não é à toa que os(as) artistas voltam constantemente à temática do anseio do ser humano de ver o seu nome fixado em espaço público, de fugir do anonimato das grandes cidades". BÜTTNER (ibid) conclui que a auto-representação e a participação são importantes para a arte na inclusão do público, já que a mesma foi destinada a eles.

Artistas: Smael e Pato

O trabalho do grafiteiro Smael apresenta, de maneira própria, uma grande intensidade na composição de campos de cores com linhas negras como contorno das formas. Primeiramente, as áreas coloridas são produzidas e, depois, gradativamente, os traços pretos vão determinando os limites das figuras. Basicamente, o material usado é a tinta *spray*. Não há muita técnica em seus trabalhos, mas sua intuição em compor as formas e as cores compensa a falta de rigor formal. Além de usar a parede, como suporte recorrente e convencional, Smael já executou trabalhos em outros suportes como carros, telas, vestimentas e objetos do cotidiano.

A obra do artista Pato é composta por uma única e simples *tag* rapidamente produzida. Basicamente a *tag* é constituída, em termos tipográficos, por três hastes dentro de um grande círculo que contém quatro riscos em volta formando o seu próprio nome, Pato. O artista também produz outros grafites, mas é conhecido principalmente pela sua *tag*, espalhada por vários pontos na cidade de São Paulo.

Considerações Finais

Com a pesquisa de campo confirma-se a afirmação de BÜTTNER (2002, p.86) sobre a necessidade de sair do anonimato ser recorrente nos trabalhos do grafiteiros. A maioria dos trabalhos continha a *tag*, que ajuda a identificação, mas muitas vezes só o traço e a composição, peculiares de cada obra, são suficientes para reconhecimento do autor.

Discorda-se, no entanto, da consideração de BÜTTNER (2002, p.74), de que a arte deve suprir carências em centros urbanos, como afirma quando diz que "uma das razões que levaram à aprovação de nova arte no espaço público foi o desejo de que a arte tomasse em consideração as funções públicas dos locais de exposição urbanos assumindo ela própria uma função pública". O grafite, como arte urbana, pode sim provocar, exigir, criticar e levantar questões, como a carência em centros urbanos, mas não tornar-se um agente público para solucionar os problemas que afligem a sociedade. Como afirma PALLAMIN (2002, p.106) "em meio ao horizonte aberto de possibilidades pelas quais as práticas artísticas podem vir a se manifestar nos espaços urbanos, focaliza-se aqui a arte urbana como prática crítica, revelando-se o caráter profícuo que esta propicia à reflexão sobre o espaço público".

Pode-se perceber, após os estudos, que o grafite, incluindo as técnicas relacionadas citadas acima, tem um forte poder de crítica, pois está exposto a todos os transeuntes que passam e vêem e, como afirma PALLAMIN (ibid, p.107), pode tornar a cidade disponível para todos os grupos sociais na medida em que "como prática crítica, inclui dentre seus propósitos estéticos o desafio a certos códigos de representação dominantes, a introdução de novas falas e a redefinição de valores como abertura de outras possibilidades de apropriação e usufruto dos espaços urbanos físicos e simbólicos".

Ao reconhecer o grafite como manifestação artística no espaço público assume-se seu potencial valor significativo na produção simbólica do espaço urbano, repercutindo as contradições, conflitos e relações de poder que o constituem e caracterizam na sociedade contemporânea.

Referências

BÜTTNER, C. Projetos artísticos nos espaços não-institucionais de hoje. In **Cidade e cultura – esfera pública e transformação urbana**. Vera Pallamin (org.) pp.73- 101. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editora Estampa, 1978.

PALLAMIN, V. Arte urbana como prática crítica. In **Cidade e cultura – esfera pública e transformação urbana**. Vera Pallamin (org.) pp.103-110. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.